

A DESCONTINUIDADE TEMPORAL EM À *PROCURA DOS MOTIVOS* DE OSWALDO FRANÇA JÚNIOR

Nós modernos, nós semibárbaros. Nós só atingimos nossa bem-aventurança quando estamos realmente em perigo. O único estímulo que efetivamente nos comove é o infinito, o incomensurável.

Nietzsche ¹

Sempre se questionou a experiência humana em relação ao tempo que é um dos aspectos mais importantes da prosa de ficção. *À procura dos motivos* é uma arte temporal que implica sucessão e movimento, porque o tempo é tanto o veículo da narração como o da vida. Apesar de abstrato, é intensamente sentido através da seqüência da própria obra e duração da leitura. É tentativa utópica narrá-lo; o que se pretende é refletir as lembranças que Carmem tem do pai em busca de tentar conhecer a identidade de Reginaldo. Interessante que, à medida que vai rememorizando a presença do pai, vai também descobrindo a sua identidade, pois há, na narrativa, um entrecruzamento de tempo que forma o vasto tapete memorialístico da personagem.

A dimensão temporal é imprescindível ao se falar de identidade que vai sendo descoberta através da impregnação do tempo passado e da consciência de uma época vivenciada intensamente através da memória.

As identidades também podem ser formadas a partir de instituições dominantes e assumem tal condição quando, por exemplo, Carmem, personagem memorialística, que é sóbria, discreta nos gestos, nas palavras, no pensamento, nos sentimentos e na vontade, questiona a atitude do pai em:

¹ Cf. BERMAN, Marshall (1986) p. 22.

O que podia ter mudado na mente daquele homem de cinquenta e seis anos que tivera sempre procedimentos previstos, coerentes. Que ao vê-la nascer, ela, a primeira filha, havia renunciado a uma carreira que amava e que iniciara muito cedo, e passara a dedicar-se a outra profissão somente para não permanecer um dia longe de casa. Somente para que a família não ficasse sem sua presença (*P. M.*, p. 26).

A construção social de identidade ocorre num contexto marcado por relações de poder e Castells (*P.I.*, p. 24) distingue três formas de sua construção: *identidade legitimadora* – introduzida pelas instituições dominantes da sociedade com o objetivo de racionalizar sua dominação em relação aos setores sociais; *identidade de resistência* – própria dos atores que estão em condições desvalorizadas pela lógica da dominação, resistindo aos seus princípios; *identidade de projeto* - construção de uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e transformar a estrutura social.

É interessante frisar que identidades podem começar como resistência e acabar resultando em projeto ou até se tornarem dominantes nas instituições da sociedade. Realmente, a dinâmica de identidade ao longo desta seqüência revela que nenhuma identidade pode constituir uma essência e encerrar, *per se*, “valor progressista ou retrógrado se estiver fora de seu contexto histórico” (idem, *ibidem*, p. 24).

Na narrativa *À procura dos motivos*, a identidade de Carmem é legitimadora, pois julga a atitude de Reginaldo, em torno de preconceitos, porque, na verdade, nunca entendeu o agir do pai, como em:

Este homem que realizara durante vinte e seis anos um trabalho metódico, paciente. No mesmo lugar, na mesma sala. Que havia seguido todos os dias o mesmo trajeto. Ocupado a mesma mesa cheia de processos e registros, abandonara tudo e não regressara por quê (*P. M.*, p. 26) ?

Já a sua mãe pode ser exemplo de identidade de resistência. Está em condição tão desvalorizada que nem nome tem. É a mulher submissa “que continuava agindo como se o marido estivesse ausente apenas por um

momento. Aquela mulher que não alterou os horários, os hábitos da casa. Que suportou sem incriminações a solidão de todos aqueles anos (idem, ibidem, p. 26). Outro exemplo de identidade de resistência é o personagem Heitor que, mesmo em condições desfavoráveis, resiste aos valores ciganos para encontrar a amada e quase é morto por eles em:

Quando viram que ele havia amolecido o corpo, os companheiros daquele que havia lhe acertado a facada aproveitaram e começaram a bater. Os três, quando o atacaram, tinham saído de trás de uma moita gritando que iam lhe dar uma surra para que aprendesse a não procurar mulheres do grupo [...]

E foi procurando abrir caminho, quando o que estava no chão com o braço quebrado, levantou-se, chegou por trás e usando o outro braço, enfiou-lhe a faca. Ele sentiu a espetada e ainda olhou e viu a ponta saindo na frente. Sua vista escureceu, os braços e as pernas perderam a força e os outros dois aproveitaram e bateram na sua cabeça. Ele colocou as mãos na frente do rosto mas eles foram batendo e ele caiu [...]

E o deixaram no chão, pensando que estivesse morto (idem, ibidem, p. 99).

Reginaldo, ao redefinir a sua posição na sociedade, é exemplo de identidade de projeto em:

Carmem ouvia as coisas e imaginava seu pai durante o dia providenciando as plantações de milho, feijão. Olhando o gado de leite, os porcos, e à noite passando por aqueles caminhos estreitos para dormir sozinho numa casa isolada, semiconstruída. Sujeitando-se a esses sacrifícios depois de ter alcançado o conforto e a tranquilidade que todos perseguem (idem, ibidem, p. 59).

Ao abandonar os valores da modernidade, do mundo urbano, vai, aos poucos, construindo uma nova identidade. Etimologicamente, o seu nome vem do latim *rex, regis*, já conotando ser superior, sensato, com ânsia de praticar a justiça e a solidariedade como se constata no episódio de Heitor, que, por estar bastante ferido, não agüentaria chegar à cidade; por isso, Reginaldo busca o médico em:

Mas o pai de Carmem não o levou para a cidade.

- Ele não quis me levar. Me deixou na casa e foi buscar o médico. Achou que eu podia morrer no caminho.

E o sr, Reginaldo trouxe o médico. Ele o atendeu e Heitor ficou vários dias ruins, morre-não-morre. A cabeça enfaixada, os braços, as mãos e as pernas engessadas.

- E sendo tratado pelo sr. Reginaldo e pela d.^a Maria Clara (idem, ibidem, p. 99).

Apesar de ter sido abandonado pelo pai, Carlos agora o admira e tem até orgulho dele em:

Carmem quis saber o que o pai fazia. Em que ele empregava o tempo. Carlos apanhou o copo debaixo da rede, tomou mais um pouco de cachaça e respondeu:

- Ele era um fazendeiro – respondeu com um certo orgulho na voz. Era um fazendeiro trabalhador. Plantava feijão, arroz, milho. Criava porcos, gado de leite. E vendia e comprava coisas (*idem, ibidem*, p. 58) .

A atitude de Reginaldo, na fazenda, é carregada de energia positiva que lembra o sentimento oceânico de Freud, uma espécie de algo ilimitado, sem fronteiras, “como uma sensação de eternidade” ¹⁸, tratando-se do sentimento de um vínculo indissolúvel, “de ser uno com o mundo externo, como um todo” (*M. E. C.* , p. 82).

À medida que os dias se passam na fazenda, Carmem vai conhecendo um outro Reginaldo e, simultaneamente, mergulha em si mesma em busca de sua identidade satisfatória e coerente com aquilo que almeja para si própria. Através da ciranda da memória, Carmem vai recuperando as lembranças do pai. Na verdade, a memória só passa por onde ela quer e, aos poucos, em contato com as pessoas que conviveram com Reginaldo, o memorialismo de Carmem mobiliza as lembranças do pai numa espécie de sacralização bem típica do mineiro como em:

Carmem continuava olhando a paisagem e aos poucos foi sendo envolvida pela sensação de que era muito pequena. Que ela e tudo o que fizesse ia passar, ia desaparecer, e aquelas serras permaneceriam. Permaneceriam para sempre. E dentro do seu pensamento algo começou a se formar. Algo como uma desistência em compreender os motivos que haviam levado seu pai a sair e a procurar outros lugares, outra vida. E sentiu por ele uma espécie de respeito. Uma espécie de admiração por ter seguido sua própria vontade até o final (*P. M.*, p. 126).

Como se percebe, o mineiro brota do paradoxo, e a sua coerência “resulta da originalidade na combinação, na soldadura dos contrastes, da junção dos opostos” (M. M., p. 117), como em:

Carmem pensou no seu pai levando fitas com músicas e uma garrafa de cachaça para aquela senhora de noventa anos, e ela bebendo e dançando. E não conseguia conciliar essa atitude com a pessoa séria calada com quem havia convivido até os vinte e seis anos de idade. Uma pessoa que correspondia muito mais àquela que descobriu o meio de aposentar d.^a Juliana e de garantir que ela não fosse nunca desalojada do seu pedaço de terra. E ela não compreendia como aqueles procedimentos viessem todos da mesma pessoa. (idem, ibidem, p. 48).

² FREUD, Sigmund (1977) p. 81). Todas as citações desta obra serão feitas por esta edição, no próprio texto entre parêntesis, indicando-se abreviado *M.E.C.*, em itálico e seguido da página em algarismos arábicos.

Toda sociologia mineira é dominada por três elementos de espírito que podem chamar: “*continuidade, fidelidade, temperança*. *Continuidade*, quanto ao passado. *Fidelidade*, quanto ao presente. *Temperança*, quanto, ao futuro”¹⁹; por isso, em Carmem, ocorre “o primado da *concentração* sobre a irradiação; o primado da *lentidão* sobre a velocidade; o primado da *qualidade* sobre o número” (V. M. E. S. p. 65) levando-a, assim, a preservar os valores humanos genuínos o que não deixa de ser a manutenção do humanismo cristão quando, em conversa com Carlos, disse-lhe que o pai deveria ter deixado as duas fazendas para Maria Clara e os meninos em:

- E por que ele não deixou esta fazenda para ela e os meninos?
- Deixou uma outra – disse Carlos.
- Ele deixou uma outra – Carmem repetiu. E perguntou: - Perto daqui?
- Não, longe daqui.
- Onde? – ela quis saber.
- Num lugar chamado Santo Antônio do Cruzeiro – ele explicou: - Deixou no nome dela.
- Por que ele deixou a outra e não esta onde moravam?
- Os parentes dela são de lá. Os tios, os irmãos, e eles podiam ajudá-la a cuidar da fazenda e dos meninos.
- É uma fazenda maior?
- Não, ela é menor.
- Ele devia ter deixado as duas para a Maria Clara, você não acha? Afinal nós não precisávamos (P. M. , p. 35) ,

Ainda que a cidade feérica da modernidade desapareça, o tempo da memória não se perde porque se repõe, e Carmem recupera, em latência com o tempo da descoberta e com a abstração interior, a adolescência com o pai em:

Carmem olhou novamente para a paisagem e reparou nos vales cobertos pelas nuvens. E viu-se adolescente, estudando na sala enquanto o pai falava de aviões. Ela estudando à noite, debruçada sobre um livro ou escrevendo um trabalho de escola, e ele falando sobre os aviões. Falando do tempo em que havia sido aviador (idem, ibidem, p. 66).

A lembrança do pai se mantém no presente como força propulsora da sua vida: o

³ LIMA, Alceu Amoroso (1983) p. 43. . Todas as citações desta obra serão feitas por esta edição, no próprio texto entre parêntesis, indicando-se abreviado *V. M .E. S,* , em itálico e seguido da página em algarismos arábicos.

tecido entramado das subjetividades e das identidades. Na verdade, em *À procura dos motivos* mesclam-se presente e passado que se tonam interpenetráveis pela memória. O passado não é ordenado nem imóvel; pode vir em imagens sucessivas, mas a sua verdadeira força reside na *simultaneidade* e na *multiplicidade*, construindo não um passado, mas vários passados e da coexistência dos diversos momentos do tempo, emerge uma narração complexa onde a ordem dos acontecimentos foge à cronologia e apóia-se na reminiscência.

No final da narrativa, Carmem se conforma com o enigma da existência, tolerando a incompletude e o silêncio em que esbarram muitas de suas agitações como se as novas formas de representação da identidade frutificassem no ato de compreender a junção secreta da atitude de Reginaldo.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond de. A palavra Minas. In: ---. *As impurezas do branco*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 112.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOMENY, Helena. *Guardiões da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: UFRJ / Tempo Brasileiro, 1994.

CAMÕES, Luís de. *Poesia lírica*. Seleção, prefácio e notas de Hernâni Cidade. Lisboa: Verbo, 1971.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Coordenação: Carlos Sussekind; tradução: Vera da Cosa e Silva et al. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *À procura dos motivos*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 21.

FUKS, Saul. A sociedade do conhecimento. In: TEMPO BRASILEIRO. 152: 75 / 101, jan. – mar., 2003.

GOMES, Duílio. Jogo de metáforas. *Suplemento literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, a . XV, n. 842, 20 nov. 1982, p. 2.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. de Ana Maria Bernardo e outros. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (s. l.)* : Objetiva, 2001. Versão 1.0.

HUTCHON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

JOBIM, José Luís. *Literatura e identidade*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

LARA, Tiago Adão. Modernidade, pós-modernidade, educação. In: VERBO DE MINAS / Publicação da Pós-Graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora v. 2, n. 4 Juiz de Fora: CES, 2000 p. 25 – 33.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. A crise da ética hoje. In: TEMPO BRASILEIRO, Rio de Janeiro. 146: 5 / 15, jul. – set., 2001.

_____. A sociedade do conhecimento: passes e impasses. In: TEMPO BRASILEIRO, Rio de Janeiro 152: 11 / 20, jan. – mar., 2003.

LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas* (Ensaio de Sociologia Regional Brasileira). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *Voz de Minas*. Rio de Janeiro: Agir, 1945.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004.

MARTON, Scarlett. *Friedrich Nietzsche*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PARKER, John. *Les romans d'Oswaldo França Júnior en rétrospective*. <http://www.brasil.org/> Littérature en français, acesso em 18 dez, 2005. 15:34.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodwad. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVERMAN, Malcolm. *Moderna ficção brasileira*. Tradução de João Guilherme Linke. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.

THEODORO, Janice. Memória e esquecimento: nos limites da narrativa. In: TEMPO BRASILEIRO, Rio de Janeiro. 135: 76 / 74, out. – dez, 1998.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Trad. de Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.

VIANNA, Maria Lúcia Saponara. À procura dos ou a busca das explicações. *Suplemento literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, a . XV, n. 855, 19 fev. 1983, p. 4.